

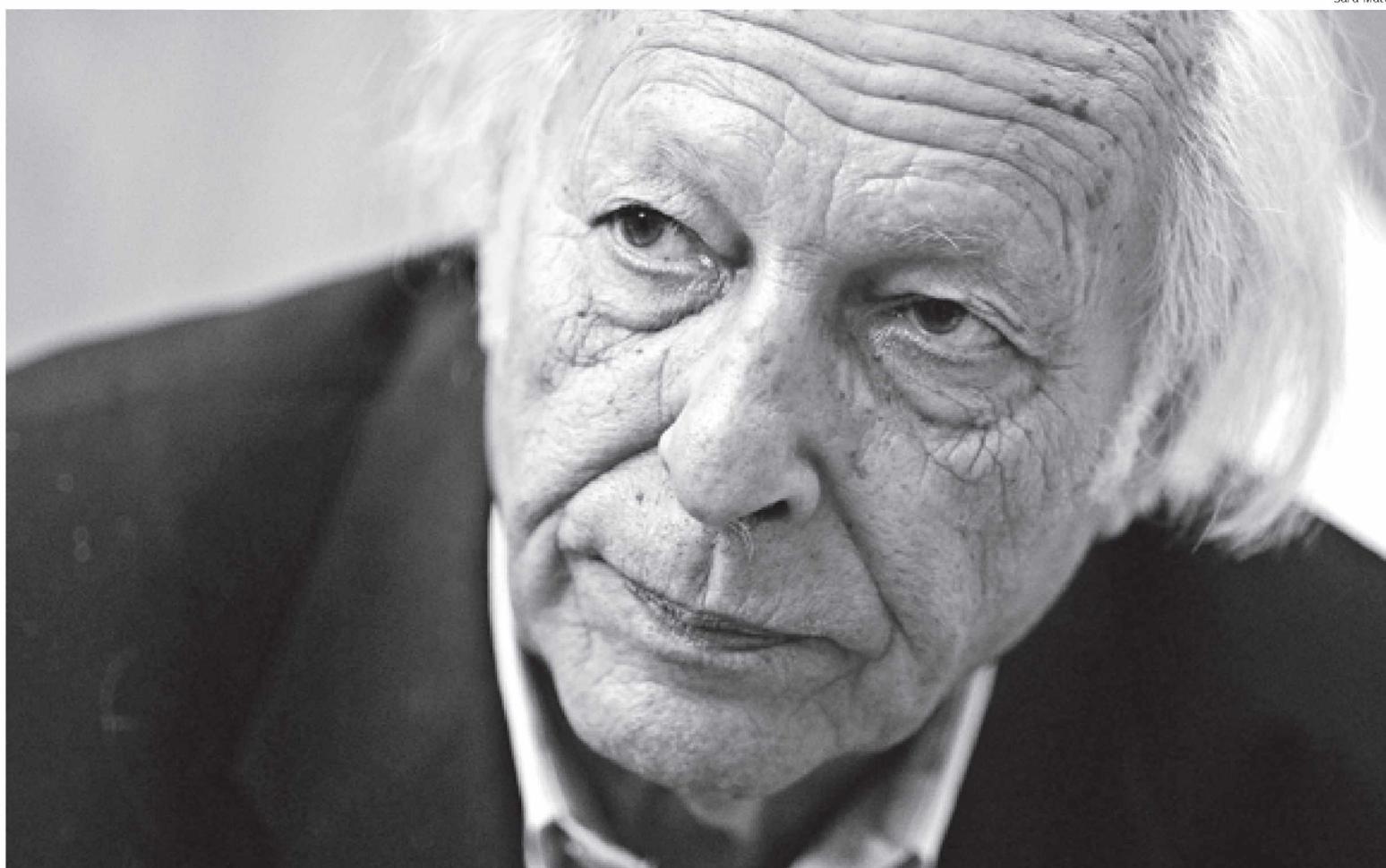
Especial socialismo vs. capitalismo

A crise que o capitalismo e o socialismo enfrentam

Um é marxista e defende um projecto socialista para o mundo. O outro nasceu num Estado socialista, que ajudou a transformar em economia de mercado. Face à crise, ambos fortaleceram as suas perspectivas sobre o rumo que o mundo deve levar. O Negócios colocou as mesmas questões a ambos. **RUI PERES JORGE** rpjorge@negocios.pt e



Sara Matos



SAMIR AMIN, PRESIDENTE DO FÓRUM DO TERCEIRO MUNDO

“Estamos a arriscar um ‘apartheid’ à escala global”

Se o capital dominante não for posto em causa e se não houver uma mudança na relação de forças, os países do Sul serão ainda mais oprimidos

Qual é a principal lição que retira da actual crise? O que falhou?

Esta não é uma crise financeira. O colapso financeiro de Setembro de 2008 é apenas um evento – importante, claro –, mas apenas um evento e não o início da crise. Diria, aliás, o contrário: o colapso é ele

mesmo o resultado de uma longa crise que começou antes, e que foi parcialmente ultrapassada pela financiarização dos anos 90.

A financiarização foi uma reacção para tentar criar riqueza que não estava a ser possível obter na economia real?

O que aconteceu foi que o capital reagiu à essa crise como é habitual: com mais concentração. Nos anos 70, e mais intensamente nos anos 80, movemo-nos para um capitalismo de oligopólios, com um nível de centralização e monopolização do capital numa escala sem pre-

cedentes. A reacção por globalização também não é um fenómeno novo. Mas, neste caso, tratou-se de uma globalização neo-liberal para satisfazer os oligopólios.

Daí a financiarização?

continua

O QUE FALHOU?

Crise de crescimento que levou à concentração de poder em oligopólios financeiros e à financiarização insustentável.

A MUDANÇA FUNDAMENTAL

Uma globalização verdadeiramente multipolar, nomeadamente com criação de uma nova moeda de reserva internacional.

O PERIGO?

A inexistência de avanços revolucionários que conduzam a um ‘apartheid’ numa escala global, com mais opressão do Sul.

Yegor Gaidar, economista e político, nasceu na União Soviética, foi primeiro ministro de Yeltsin em 1992 e teve como missão transformar a economia russa de base socialista numa economia de mercado, com base capitalista. Samir Amin, economista marxista egípcio, presidente do Fórum do Terceiro Mundo, nasceu num mundo tendencialmente capitalista e aspira a vê-lo evoluir para um sistema de organização socialista. Os dois estiveram na semana passada a participar na primeira edição das Conferências do Estoril, convidados para um

mesmo painel dedicado à “Arquitectura Multilateral e Desafios Globais”. As duas visões sobre a evolução do mundo face à actual crise não poderiam ser mais opostas.

Amin, um dos inspiradores do Fórum Social Mundial – que anualmente se contrapõe ao Fórum Económico Mundial de Davos –, diz que, sem “avanços revolucionários” que permitam uma maior afirmação dos países do Sul e levem o Ocidente a abdicar dos seus hábitos consumistas e imperialistas, o mundo caminha para um ‘apartheid’ à escala global, com mais pressão do Sul.

Yegor Gaidar, por seu lado, está confiante nas reformas em curso. Defende as decisões da reunião do G20 em Londres para fortalecer a arquitectura financeira mundial. Confia nas reformas e no poder que Brasil, Rússia, China e Índia (BRIC) vão ganhar na arquitectura de poder global. Sobre o mesmo processo Samir Amin vê “uma guerra do Norte contra o Sul”, que diz estar bem identificada pelos BRIC.

Apesar das duras críticas, Samir Amin tem paciência e espera que o socialismo, que vê como um estágio superior de organização humana, se

afirme lentamente, onda a onda. As experiências do século XX foram, na sua visão, apenas uma primeira onda que abortou. Outras virão, mais perfeitas, conduzindo lentamente à afirmação do socialismo. Com tempo, eventualmente os mesmos cinco ou seis séculos que levaram aos capitalismo, o projecto marxista encontrará o seu espaço.

Gaidar é um optimista e entende que já está num estágio superior de organização social. Não que o capitalismo não precise de reformas e que gerir uma economia de mercado seja fácil ou perfeito. Mas confrontado

com as deficiências, diz acreditar na “história longa”. Nela lê que nunca houve tanto dinamismo e crescimento em tantas partes do mundo como o que resultou do sistema capitalista. Não nega as deficiências, como os problemas de redistribuição dentro e entre países, mas diz que são o preço a pagar pela prosperidade global. Nem mesmo o atraso que reconhece no processo de transição da economia russa lhe abalam a fé nos mercados livres. O mundo enfrenta desafios que não imaginava há dois anos. As respostas estarão em algures no confronto das duas forças.

Sara Matos



YEGOR GAIDAR, PRESIDENTE DO INSTITUTO PARA A ECONOMIA EM TRANSIÇÃO - RÚSSIA

“As decisões tomadas pelo G20 vão na direcção correcta”

A crise vai obrigar a que o papel das instituições financeiras internacionais seja reforçado e o aumento do capital do FMI é um exemplo disso

Qual é a principal lição que retira da actual crise? O que falhou?

Em primeiro lugar, estamos a passar por crises, pelo menos, nos últimos dois séculos. Normalmente, o período entre elas é de 5 a 10 anos. Em certa medida é o preço pela aceleração do desenvolvi-

to económico moderno, que começou algures entre o fim do século XVIII e o início do XIX. Temos de estar preparados para elas.

Não concorda então que as crises estão a ficar mais próximas umas das outras e mais profundas?

Geralmente não. Se estamos a falar de abrandamento económico no mundo, não vejo mudanças radicais. É claro que a crise actual é muito profunda, provavelmente a mais profunda desde a Grande Depressão. Porque é que aconteceu? É difícil de saber. Talvez porque a crise

anterior foi muito suave e foi resolvida com dinheiro fácil [cedido pelos bancos centrais]. E, quando assim é, acabamos por pagar na crise seguinte.

Faz um balanço positivo da actuação

continua

O QUE FALHOU?

A crise anterior foi muito suave e foi resolvida com dinheiro fácil. Quando assim é, pagamos na crise seguinte.

A MUDANÇA FUNDAMENTAL

A reforma da infra-estrutura financeira internacional, para que inclua a China, o Brasil, a Rússia e a Índia.

O PERIGO?

O ajustamento do novo sistema de forças vai repetir os erros do ajustamento do início do século XX, que conduziram às duas Guerras.

Especial socialismo vs capitalismo

“O Socialismo é um estágio mais elevado de organização”

O senhor é um socialista, um marxista. Como é que, na sua visão, o socialismo se relaciona com a liberdade de escolha e com a eficiência económica?

O sistema capitalista que se chama de eficiente é, na verdade, terrivelmente ineficiente. A quantidade de desperdício é enorme.

Mas esse é mais um problema de redistribuição do que de produção, ou não?

Não é só uma questão de redistribuição é uma questão de desperdício de recursos naturais. Mas sobre o socialismo não há nenhuma razão para pensar que o socialismo será construído num período histórico curto. Se olharmos para o capitalismo vemos que levou mais de 500 anos. O capitalismo não começou na Europa, com uma base protestante. Isso é conversa. O capitalismo começou na China, na Índia, moveu-se para o Médio Oriente, depois para as cidades italianas, depois para Espanha e Portugal, e depois para o triângulo entre Amsterdão, Londres e Paris. Isso levou 5 ou 6 séculos. Ora porque não vemos o socialismo como um estágio mais elevado de organização humana, também a movimentar-se por ondas sucessivas. A primeira onda aborta, a segunda vai um pouco mais longe, e por aí fora. A minha leitura do século XX foi essencialmente a de que tivemos a primeira onda de revoluções em nome do socialismo e da libertação das pessoas – a libertação dos cidadãos da Ásia e de África e o fim de todo o colonialismo não é coisa pouca na história da humanidade. Penso que no século XXI teremos uma segunda onda. Essa será poderá ir mais longe, pois tem como lições do passado a democratização das sociedades, e avançará com a socialização dos oligopólios. Estou otimista, no sentido em que acredito que, com o aprofundar da crise, mais e mais pessoas vão andar para a frente. Como sempre na história, alguns irão mais depressa do que outros.

continuação Samir Amin

Sim. Repare que muitos falam de uma economia de mercado. Isso não existe, é blá, blá, blá. O que existe são mercados – plural – que estão organizados e hierarquizados. A financiarização criou um grande mercado de acesso ao capital que está restrito e controlado pelos cerca de 5.000 oligopolistas, que decidem 98% do que é importante.

Como é que os oligopolistas deixaram que esse mercado implodisse?

Não poderia ser evitado. A crescente financiarização gerava lucros de 10%, 12%, 15% enquanto a base material permaneceu relativamente estagnada, crescendo a 1%, 2%, 3% ao ano. É por esta relação que digo que este tipo de processo não é novo. A crise anterior do capitalismo começou 100 anos antes da actual, em 1873. Tal como aconteceu nos anos 70 foi marcada por uma forte redução das taxas de crescimento e de investimento. O capital reagiu da mesma forma: moveu-se para a concentração – foi a primeira onda de monopólios do capital, como os trusts nos EUA. Também então o processo foi acompanhado por um aprofundamento da globalização com a partição de África em 1885 e a submissão da China, do Império Otomano, do Império Persa. Então, como agora, encontrava a retórica de que “O mercado” – evitando usar o termo mercados financeiros – está a fornecer paz, a democracia. Na altura a única visão crítica era a de Lenine, que disse que o sistema era instável e que conduziria a guerras e a revoluções como resposta às guerras. E assim aconteceu.

E em que ponto estamos agora?

Estamos exactamente no mesmo ponto. Entramos num período de aumento do potencial de guerras, de ressurreições, de protestos, e talvez de revoluções ou de avanços revolucionários que, aliás, se vêem na América Latina.

Como se pode evitar a instabilidade?

Evitando a tentativa de restauração do sistema. Em 1920, depois da 1ª guerra e da revolução russa, o que é que as forças capitalistas decidiram? Restaurar o sistema. Nessa altura, houve apenas uma voz a protestar, a de Keynes, que defendeu que isso levaria ao colapso financeiro, o que aconteceu 9 anos depois em 1929. Hoje temos o G-7, disfarçado de G-20, a tentar fazer isso mesmo. Os poderes que foram dados ao FMI pelo G-20 vão exactamente nesse sentido.

Discorda da ideia, que saiu nomeadamente do G-20, de que os líderes políticos do Ocidente estão a reconhecer a importância crescente das economias emergentes?

Isso é blá, blá, blá...



Sara Matos

Até agora, entre Obama e Bush a principal diferença é na retórica.

O corte provocado por esta crise não foi profundo e suficiente.

As pessoas do Norte estão mais sensíveis ao problema, mas essa percepção não está ainda à altura do desafio.

O presidente Lula mostrou-se bastante feliz pelo empréstimo do FMI...

São intervenções pequenas e sem importância. Além disso, os outros estavam completamente silenciosos. A única frase sensata que ouvi, e foi ‘en passant’, de Hu Jintao, o presidente chinês, ao afirmar que chegou o momento para reconstruir uma globalização sem hegemonias, ou seja, sem ser baseada no dólar.

Para onde deveríamos caminhar?

Deveríamos estar a caminhar para construir um padrão verdadeiramente multipolar e não hegemónico de globalização. Mas a vontade política é inexistente.

Qual é diferença entre a actual crise e a da viragem do século XIX?

A crise anterior foi uma de monopólios capitalistas relacionados com Estados imperialistas que estavam em conflito permanente entre eles. Isso levou à primeira grande guerra. Hoje o que temos é um imperialismo colectivo da triade constituída pelos EUA, Europa e Japão. Têm um conceito comum de como gerir o mundo em seu benefício. O que quer dizer que a guerra, que já começou, não é uma guerra entre imperialistas, mas sim do Norte contra o Sul.

O Sul está de facto a comprar essa

guerra? As últimas declarações do Brasil, da Índia, ou até da China, são muito diplomáticas...

Elas são muito diplomáticas mas estão muito cientes de que isto é uma guerra contra eles. Muito cientes. Os EUA estão a tirar vantagem desta guerra para manterem a sua hegemonia.

Há pessoas no Ocidente convencidas de que estamos a mover-nos para um sistema mais multipolar.

Eu não vejo isso de forma alguma. Vejo, aliás, o oposto. Podem até desenvolver uma retórica em torno dessa ideia – e essa é a principal diferença entre Obama e Bush – mas as políticas são as mesmas.

Há muita retórica e pouca acção. O que deve então ser implementado?

A probabilidade mais elevada no futuro, mas que não é a melhor alternativa, é que muitos países do Sul, começando pela China, resistam cada vez mais ao plano do Norte de controlar militarmente o planeta. Os países do Sul têm de apostar num desligamento (‘delinking’) face ao Norte. Ou seja, controlar ou tentar controlar as relações externas e submetê-las a uma lógica de mudança social interna progressiva. Não creio que a solução passe por um processo de libertação do Sul como aconteceu no século XX com várias revoluções. Isso seria um ‘re-

make’, talvez um pouco melhor, mas não é a resposta. É aqui que eu sou um internacionalista: o mundo não pode mudar sem que as pessoas no Norte mudem. Ou seja, sem que se afastem gradualmente dos padrões de consumo e de desperdício que exigem o acesso exclusivo aos recursos naturais e o controlo militar do planeta.

Esta crise foi um corte de que profundidade nesse modelo no Norte? Em Londres nas manifestações de rua durante o G-20, havia um grande número de manifestantes da classe média, por exemplo...

O corte não foi profundo o suficiente. Há uma percepção maior por parte das populações no Norte e estou muito feliz, mas não estão ainda à altura do desafio. No sentido em que ainda não se mudou a relação de forças de forma a colocar em causa o domínio quase exclusivo do sistema mundial pelo capital dominante.

Se os avanços revolucionários contra a pressão do Norte não acontecerem, para onde caminhamos?

Creio que nos moveremos para o que chamo de “apartheid” a uma escala global, com mais opressão dos países do Sul, crescentes intervenções militares e maior captura dos seus recursos naturais. Nada mais.